

ENTREVISTA COM ANA PAULA GUIMARÃES

INTERVIEW WITH ANA PAULA GUIMARÃES

Ana Paula Guimarães¹, Miriam Jorge², Nara Hiroko Takaki³, Rosane Rocha Pessoa⁴, Suzana Mizan⁵

¹Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0206-6033>
annyguimmy@hotmail.com

²University of Missouri (MU), Saint Louis, MO, United States of America
<https://orcid.org/0000-0001-8397-4916>
miriamjorge@umsl.edu

³Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8574-5842>
narahi08@gmail.com

⁴Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0538-2891>
peossoarosane@gmail.com

⁵Universidade federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-8818-5403>
souzana.mizan@unifesp.br

Entrevista concedida em 20 fev. 2023

Entrevistadoras: *Para você, o que é ser professora da escola pública brasileira e por que você escolheu trabalhar nesse contexto?*

Ana Paula Guimarães: Ao contrário do que muitos podem dizer ou pensar ser professora de uma escola pública brasileira, para mim, é uma profissão como todas, não se trata de uma missão ou um legado, mas uma ocupação profissional com seus encantos, desafios e sua carga de responsabilidade. Escolhi trabalhar nesse contexto, porque faço parte dele, uma vez que as melhores experiências que eu vivi em minha vida, fora do escopo familiar, foi no ambiente escolar público brasileiro. Minhas aulas de inglês no quinto ano, na época, denominado ginásial, cursado em uma escola pública estadual me lembraram minha primeira infância — sou afilhada de uma americana naturalizada brasileira que costumava me ensinar sua língua. Nesse reencontro com a língua inglesa, a percebi como algo que gostaria de estudar mais, então pedi para que meus pais me matriculassem em uma escola, completei as etapas do curso, passei a dar aulas de inglês em escolas de idioma, pois segundo uma de minhas professoras era uma ótima forma de manter contato com a língua e aprofundar

meus conhecimentos. Após alguns anos, graduei-me na área, prestei concurso e ingressei-me na rede municipal de São Paulo, onde atuo feliz até hoje.

Entrevistadoras: *No seu artigo, The Impact of Democracy Crises on Language Education in a Regular School in Cidade Tiradentes: A Brazilian Case Study, na página 410, você escreve o seguinte:*

Evidently, in Brazil, especially in Cidade Tiradentes neighborhood, the pandemic has not only proved the chaotic situation peripheral districts live in but also intensified the necessity to pursue a pedagogy that enhances students' awareness that they are not predestined to a life of hardship, but to fight for more democratic living conditions. Such pedagogy is, therefore, supposed to help these students resort to their agency in order to build a better future for themselves and their community. An important part of this attempt pedagogy is to aid students as well as their family in the understanding that they need to charge from the authorities the infrastructure the tax they pay is supposed to earn to them (GUIMARÃES, 2022, p. 410).

Depreendemos que tornar a aluna/o aluno consciente de seu lócus de enunciação e de sua agência são componentes que não deveriam faltar na formação de professores, a qual estaria vinculada a uma pedagogia que você sugere, qual seja: aquela que favoreça à comunidade do(a) aluno(a) em situação de vulnerabilidade social, cobrando mais/melhor infraestrutura das autoridades. Gostaríamos que você falasse mais sobre isso, trazendo atividades e/ou projetos que tem desenvolvido em aulas de inglês nessa direção.

A. P. G: Minha prática pedagógica, seja ministrando Língua Portuguesa ou Língua inglesa é pautada nas experiências de vida de meus alunos, já que acredito que língua transcende o código propriamente dito. Toda e qualquer atividade parte do conhecimento prévio dos alunos que escolhem em que língua vão socializá-lo, a partir disso, apresento a língua ou variedade que formam o conjunto de objetivos traçado para a atividade, aula ou curso, mas não como correção, mas como possibilidade outra e ampliação de repertório linguístico. Procuo deixar bem claro que eles têm o direito e o dever de expandir seu vocabulário seja em qualquer língua para melhor articular com as demandas do dia a dia, agora e no futuro. As modalidades de atividades variam entre leituras deleite, relatos de experiência, rodas de conversa, debates e jogos.

Entrevistadoras: *Ao longo de sua trajetória, como mulher, negra, professora, atuando em contexto de Cidade Tiradentes, com um alunado que sofre as consequências das crises democráticas, como você se vê daqui por diante, como cidadã e profissional, considerando que seu lugar social também mudou, ou seja, hoje, você é doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários da Universidade de São Paulo USP?*

A. P. G: Não consigo me ver diferente, porque continuo e continuarei a ser uma mulher, preta e professora, atuando em contextos difíceis, onde quer que eu esteja, pois a crise democrática não é exclusividade da Cidade Tiradentes, principalmente se levarmos em consideração pessoas com minha etnicidade e fenótipo. Com isso, quero dizer que, apesar da relevância de ter a oportunidade de completar um doutorado na Universidade de São Paulo, não acredito que haja mudança de lugares sociais, mas de lugares simbólicos culturais.

Entrevistadoras: Monte Mór (2015), baseada em Ricoeur, relaciona o conceito de crise ao de crítica num processo que pode levar a uma ruptura do círculo interpretativo. O seu pertencimento à comunidade acadêmica te colocou em contato com as epistemologias do Norte, com conhecimentos privilegiados e dominantes, com o *status quo* no campo do saber na área da educação. Você poderia relatar vivências no chão da escola que te levaram a uma crise e te fizeram criticar estes saberes dominantes, que são vistos como universais e ubíquos?

A. P. G: Nem precisei chegar às vivências do chão da escola para criticar esses conhecimentos do norte. Para mim basta estar em cima de meus sapatos a cada dia para perceber que a maior parte dessas teorias não falam para mim ou por mim. Obviamente, não as joguei fora de completo, já que em contato com elas pude estabelecer liames e rupturas, escolhendo o que delas me serve e não apenas descartando, mas criticando, refutando e combatendo o que nelas não se aplica a minha realidade, a priori, como mulher, preta, periférica e mãe de um homem preto e, também, como professora de alunos parecidos comigo e com minha família.

Entrevistadoras: Professores da educação básica são figuras importantes na formação de uma sociedade mais democrática e menos desigual. Políticas públicas deveriam investir na formação de professores como agentes estratégicos do fortalecimento da democracia e garantir que as escolas públicas surjam como espaços democráticos no processo de aprendizagem de cidadania para justiça social. Você poderia trazer algumas políticas públicas que considera relevantes neste sentido?

A. P. G: A primeira política pública que eu sugeriria seria “não importar políticas públicas de países que em nada se parecem com o nosso”. Se conseguíssemos cumprir a Constituição de 1988, já teríamos um grande avanço. A partir disso implementaríamos nossas próprias políticas de forma situada. Acredito que não adianta tentar encaixar políticas que estão dando muito certo na Finlândia, quando os pais de nossos alunos nem têm emprego para garantir-lhes a alimentação básica diária.

Entrevistadoras: Que aspectos de sua formação contribuíram para o trabalho político que você realiza hoje?

A. P. G: Eu diria que todos os choques de realidade que passei diariamente dentro da Universidade de São Paulo, seja na interação com colegas, professores ou textos contribuíram enormemente para minha formação como pessoa e profissional para que hoje eu possa realizar um trabalho político junto a meu alunado e comunidade.

Entrevistadoras: Como você tem trabalhado para além do "horrrível verbo to be" (Guimarães, 2022, p. 505) e usado repertórios em inglês para fortalecer as/os alunas/os?

A. P. G: Através dos comentários de alguns alunos, percebi que a melhor forma de trabalhar quaisquer recortes vocabulares é deixando que eles falem de si, dos seus e de suas vivências e opiniões e que percebam por si mesmos que o não mais tão “horroroso verbo to be” possibilita que eles o façam com qualidade e relativa facilidade em língua inglesa. Nas rodas de conversa e debates alguns deles usam repertórios mais variados para modalizar opiniões, reiterar e concordar/ discordar respeitosamente — na maioria das vezes — dos colegas.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, A. P. The impact of democracy crises on language education in a regular school in Cidade Tiradentes: a Brazilian case study. *In*: IZARRA, L. P. Z.; MOYANO, T. M. (ed.) **Transatlantic crises of democracies**: Cultural approaches. São Paulo: FFLCH/USP, 2022.

MONTE MÓR, W. Crítica e Letramentos Críticos: Reflexões Preliminares. *In*: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. (org.). **Língua Estrangeira e Formação Cidadã: Por entre Discursos e Práticas**. 2. ed. Campinas: Ed. Pontes, 2015. p. 31-50. (Edição Expandida)

Sobre as autoras

Ana Paula Guimarães

Licenciada em Letras com habilitação em Português e Inglês pela Universidade de São Paulo. Doutora pelo Programa Estudos Linguísticos e Literários em Inglês na mesma instituição. Desenvolve pesquisas sobre os Multiletramentos, Novos Letramentos Práticas Translíngues e Aprendizagem Ubíqua.

Miriam Jorge

Ocupa a cátedra Shopmaker de Educação e Estudos Internacionais na Unviersidade do Missouri - Saint Louis, nos Estados Unidos. Doutora em Linguística Aplicada, pesquisa educação linguística em contextos diversos, incluindo o ensino para bilingues emergentes e bilingues racializados. Sua pesquisa aborda os entrelaçamentos entre linguagem, educação crítica, raça e justiça social.

Nara Hiroko Takaki

Possui graduação em Inglês e Português pela Universidade de São Paulo (1988), graduação em Licenciatura: Inglês e português pela Universidade de São Paulo (1989), mestrado em Letras modernas (Português e Inglês) pela Universidade de São Paulo (2004) e doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (2008). É professora associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguagem, interpretação, sociedade, atuando principalmente nos seguintes temas: letramentos críticos, decolonialidades, translíngua, pós-humanismo. Líder do grupo de pesquisa Educação crítica, criativa e ética por Linguagens, Transculturalidades e Tecnologias. Membro do GT Transculturalidade, Linguagem e Educação da ANPOLL. Membro do Projeto Nacional de Letramentos (USP).

Rosane Rocha Pessoa

Professora titular de Língua Inglesa no Curso de Letras e no Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Regional Goiânia, atuando, neste momento, como professora voluntária. Possui doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002). Desde 2016, coordena juntamente com a Profa. Dra. Viviane Silvestre (UEG), o GEPLIGO (Grupo de Estudos de Professoras/es de Língua Inglesa de Goiás), com parcerias estabelecidas com a SME-Goiânia e a SEDUC-GO. Desenvolve pesquisas nas áreas de ensino e de formação de professoras/es de línguas fundamentadas em perspectivas críticas e decoloniais.

Souzana Mizan

Possui Pós-doutorado (2016), Doutorado (2011) e mestrado (2005) em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo e Graduação em Educação e Letras da Universidade de Tel-Aviv (1992). É professora adjunta de graduação na área de Língua Inglesa e suas Literaturas no Departamento de Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e de pós-graduação no Programa de Pós-graduação em Letras da mesma instituição. Participa do Projeto Nacional de Letramentos - Ciclo 3: Linguagens, Letramentos e Decolonialidade, sediado na USP e liderado pelos Professores Doutores Daniel de Mello Ferraz e Ana Paula Martinez Duboc. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras Estrangeiras, atuando principalmente nos seguintes temas: educação linguística, letramentos (visual, crítico, digital), multimodalidade, pedagogia crítica e epistemologias feministas, indígenas e quilombolas.